REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 344

11 DE JULHO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Mais um luto no theatro portuguez!

No dia 4 de julho morreu em Lisboa, na casa que habitava na rua da Gloria, uma actriz distinctissima, que ainda recentemente tivera um dos maiores *successos* theatraes da nossa terra, com uma creação brilhantissima feita no theatro de D. Maria, uma das ultimas sobreviventes d'essa illustre pleiade artistica que foi a grande gloria da scena portugueza e que pouco a pouco tem ido desapparecendo no tumulo, a actriz Gertrudes Rita da Silva.

Gertrudes era pela sua idade, e tambem pelo genero especial do seu talento, a mais nova e a mais moderna d'esse radiante grupo de artistas, que quando nós começavamos a entrar no mundo brilhava em todo o fulgor no theatro portuguez.

Não sabemos a idade que Gertrudes tinha, mas o que sabemos é que ha 38 annos — em 21 de abril de 1850 — isto é, justamente dois dias antes da pessoa que escreve esta linhas debutar no mundo — debutava ella no theatro de D. Maria n'uma comedia em 3 actos de Luiz Augusto Palmeirim, comedia que era tambem a estreia dramatica d'este illustre homem de lettras, e que se chamava *Dois casamentos de conveniencia*.

Gestrudes era então muito nova, e temos d'isso um certificado n'um dito de Duarte de Sá.

Mezes depois do seu debute Gertrudes representava um drama do antigo reportorio francez, *Henriette Keunethe Deschamps*, em que fazia o papel de mãe d'um personagem, que era desempenhado pelo actor Tasso.

Gertrudes era tão nova e parecia tão pouco mãe do seu filho, que Duarte de Sá no fim do 2.º acto levantou-se da platéa e foi-se embora

— Então voce, não fica para o resto da peça? perguntaram-lhe.

— Não, para que? já sei o desenlace.

— Já sabe?

— Sim, é claro como agua; no fim descobre-se que em vez da Gertrudes ser mãe do Tasso, o Tasso é que é pae da Gertrudes!

Ora já vêem que sendo Gertrudes muito nova em 1850 não podia ser muito velha em 1888; a doença ultimamente é que a envelheceu muito mais que a idade, mas o que nem uma nem outra conseguiu nunca foi envelhecer o seu espirito sempre jovial, alegre, um pouco caustico por vezes, mas que fazia da sua conversação um verdadeiro encanto.

Esse espirito, essa graça natural conservou-a ella até ao fim da vida, e ainda ha poucos mezes, a ultima vez que a encontrámos no Rocio, ao pé do theatro de D. Maria, estivemos mais d'uma hora a fallar e a rir com ella, sempre a

A AZOIA DE BAIXO, D'ONDE FORAM TRASLADADOS OS RESTOS MORTAES DE ALEXANDRE HERCULANO, PARA A CAPELLA TUMULAR DOS JERONYMOS

(Segundo uma photographia de Rodrigues da Silva)

mesma, com os seus ditos engraçados e os seus epigrammas mordazes, mal sabendo que era a ultima vez que a viamos e que o adeus que lhe diziamos seria esse adeus eterno, esse adeus que não tem amanhã!

Gertrudes Rita da Silva era uma das ultimas sobreviventes, diziamos, do glorioso grupo de artistas em que fulguravam Emilia das Neves, Soller, Delphina, Manuela Rey, Epiphanio, Rosa, Tasso, Sargedas, Theodorico e Marcolino.

D'essa pleiade illustre de artistas resta hoje apenas uma sobrevivente, que, por uma coincidencia, singular é precisamente a mais antiga de todos elles—a Talassi.

E essa mesma não se póde chamar bem uma sobrevivente, porque de ha muito que deixou de viver para o theatro, porque se, como Fonteville dizia das mulheres bonitas, que morriam duas vezes, as actrizes tambem duas vezes morrem, a Talassi de ha muito que teve a sua primeira morte, n'esse dia, ha muitos annos, em que deixou o theatro de D. Maria, com toda a sua animação ruidosa, pela tranquilla e socegada casa do Campo Grande, onde ainda hoje vive retirada e ignorada de quasi todos.

Gertrudes debutou em 21 de abril de 1850: e apesar de apparecer ao publico ao lado dos grandes mestres d'então, do Epiphanio, do Rosa, do Tasso e do Theodorico, da Soller, da Delphina e da velha Barbara, deu logo nas vistas, foi muito applaudida, e d'ali a dias o Rodrigo da Fonseca Magalhães assignava a portaria dando-lhe entrada como societaria na empreza d'artistas que então explorava o theatro de D. Maria, baseando-se na consulta em que o conselho dramatico do conservatorio a classificava primeira dama de alta comedia.

Gertrudes justificou plenamente com os seus notaveis progressos e com o seu persistente trabalho a classificação que lhe dera o conselho dramatico, e em todo o reportorio do theatro de D. Maria deixou brilhantes provas do seu grande e notavel talento.

Não era uma actriz excessivamente brilhante, mesmo porque o seu genero artistico não se prestava muito a isso: mas tinha, como poucas, uma grande naturalidade na dicção, sabia frisar excellentemente o dito, e tinha sobre tudo as condições plasticas requeridas para o seu genero, uma bella figura, uma distincta elegancia, uma belleza petulante, que diziam perfeitamente com os papeis de formosa peccadora, de fascinadora fatal, que d'ordinario era chamada a representar.

N'este periodo da sua carreira, Gertrudes teve papeis notabilissimos, como o da baroneza d'Auge, no *Demi-monde*, o de Laura Monti, na *Corte d'Aldêa*, o de condessa de Terremonde, na *Princeza Georges*, e de condessa no *Marquez de la Seiglière*.

Mas é no ultimo periodo da carreira da illustre artista que figuram as suas creações mais gloriosas.

Quando de dama de alta comedia passou para dama central, é que Gertrudes assignalou triumphantemente a sua passagem pelo theatro portuguez, é que teve trabalhos artisticos d'uma perfeição inexcedivel, é que attingiu esse supremo grau da arte a que só aos privilegiados é dado chegar.

Entre esses papeis avultam o de marqueza de Villemer e o de duqueza de Redeville, na *Sociedade onde a gente se aborrece*, duas creações explendidas que bastariam para dar a celebridade a uma artista.

Reformada ha annos e sem escriptura definitiva no theatro de D. Maria, Gertrudes foi ali representar, por contracto especial, a peça de Pailleron, e o drama de George Sand, na sua ultima *reprise*, e exactamente por não estar escripturada ali, a sua ausencia no palco não era notada, não significava de forma alguma que ella estivesse por qualquer motivo impossibilitada de trabalhar.

Por isso a sua morte surprehendeu toda a gente, mesmo aquella que mais anda pelos bastidores, que mais sabe de coisas de theatro.

Ninguem sabia que a actriz Gertrudes estava gravemente doente, estava tão perto do seu fim, e a noticia da sua morte foi uma verdadeira e tristissima surpreza.

A filha de Gertrudes, a actriz Lucinda da Silva, que ha annos estava no Brazil, teve noticia da gravidade da doença de sua mãe e veio para Lisboa acompanhal-a, tratal-a e foi nos seus braços que a notavel artista exhalou o ultimo suspiro.

Que Gertrudes repouse em paz, pois o seu nome viverá por muito tempo nos annaes do theatro portuguez.

Lisboa vae ter em breve a surpreza e o prazer de ouvir um grande pianista, nosso conterraneo, que ella nunca ouviu e mesmo de cuja existencia ignora; o sr. Moreira de Sá.

Moreira de Sá, irmão do illustre violinista portuense, tocou ha muitos annos em Lisboa, n'um unico concerto.

Isto foi em 1868, ha 20 annos, era elle ainda uma creança: appareceu a tocar piano, como *enfant prodige*, acompanhado de seu irmão, o violinista hoje celebre, e depois nunca mais Lisboa ouviu fallar n'elle.

Em vinte annos esquece tanta cousa, quanto mais um *menino prodigio*, de mais a mais dada a historia tradicional dos meninos prodigios, que ordinariamente descambam sempre em artistas que nunca tornam a dar que fallar de si.

Com o pianista Moreira de Sá não se deu esse caso! o *enfant prodige* de 1868 mentiu á tradicção.

Durante estes vinte annos, em que nunca mais se tornou a ouvir fallar n'elle, andava elle passando uma odyssea cheia de aventuras pelas terras do Brazil, estudando sempre, aprimorando pelo trabalho incessante a sua notavel vocação, tomando lições para se aperfeiçoar, e ao mesmo tempo dando-as para se sustentar, luctando pela vida, trabalhando pela gloria.

Ha dias Moreira de Sá regressou finalmente á sua patria e tivemos o prazer de o encontrar, de fazer com elle conhecimento, n'uma encantadora e muito intima *soirée* artistica em casa do nosso presado amigo e collega Jayme Victor.

Moreira de Sá é um rapaz ainda, sympathico, intelligente, que tem uma bella apresentação modesta que captiva immediatamente, um brilhante talento de artista, que se impõe logo á nossa admiração.

Ouvimol-o tocar uma *Tarantella de Rubinstein*, as variações sobre o Hymno Brasileiro de Goltschalk, e ainda outras composições d'este grande *virtuose* do piano, que é como se sabe o auctor favorito dos brasileiros, entre quem viveu e entre quem morreu.

Moreira de Sá é sobre tudo um pianista de bravura: tem uma execução prodigiosa, aliada á mais nitida correcção, é um artista brilhante em toda a extensão da palavra, e que deve produzir grande effeito no publico.

O sr. Moreira de Sá pensa em dar brevemente uns concertos em Lisboa e auguramos a esses concertos um brilhante successo.

N'essa deliciosa *soirée* em que mais uma vez applaudimos o distincto talento musical d'uma das mais notaveis cantoras-amadoras de Lisboa, M.elle Paulina Stegner, em que Augusto Rosa recitou maravilhosamente o *Melro*, e João Rosa disse magistralmente a sua *tirada* famosa do *Yago*, e trechos da sua genial creação do Luiz XI, em que Jayme Victor disse tres singelas e encantadores quadras que escreveu para o numero unico do *Lisboa-Porto*, e o sr. Alvaro Bulhão Pato recitou excellentemente a introducção da *Musa em Ferias* do Junqueiro, tivemos tambem o prazer de ouvir cantar canções hespanholas a duas gentilissimas senhoras brasileiras muito intelligentes e muito illustradas, as Ex.mas Sr.as D. Rita da Silveira Cardoso e D. Virginia da Silveira, filhas do benemerito e illustre negociante sr. commendador Coelho da Silveira, que cantam a musica hespanhola com toda a graça andaluza, e ao mesmo tempo com um bocadinho d'aquella *morbideza* brasileira que lhe dá um canto estranho e original.

E a uma d'essas senhoras ouvimos um dito d'extrema modestia, que é ao mesmo tempo um bello dito.

Depois de ella cantar, e muito bem, a *Ultima bugia*, uma romanza italiana muito conhecida em Lisboa do tempo da Herminia Borghi Mamo, fizeram-lhe muitos elogios justos.

—Canta com muito sentimento, disseram-lhe.

—Isso canto, respondeu ella, canto com muito sentimento... de não cantar melhor.

Recebemos ha dias da casa editora Lugan & Genelioux, do Porto, os *Maias*, o novo romance de Eça de Queiroz, em que ha tanto tempo se fallava, e que era tão anciosamente esperado pelos admiradores do grande romancista do *Crime do Padre Amaro*.

Os Maias são dois grossos volumes de cerca de 500 paginas cada um.

Não tivemos ainda tempo de lêr os dois volumes e por isso addiamos para outra chronica a noticia minuciosa d'esse romance, de que damos adiante um trecho, escolhido ao acaso, e de que agradecemos aos editores o amavel offerecimento.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

A AZOIA DE BAIXO

Não podia ser mais modesta a pobre aldeia, que teve a grande honra de receber em seu seio os restos mortaes de Alexandre Herculano, quando a luz do seu espirito investigador dos seculos que passaram, se apagou no dia 13 de setembro de 1877.

Desde esse dia, em que o corpo do grande historiador ia descançar no somno eterno, sob a campa d'um singelo tumulo, no adro do presbiterio,[1] a Azoia adquiriu os foros de logar celebre, que a tiravam da sua obscuridade e a faziam passar á historia por ser a sepultura de um dos homens mais notaveis de Portugal, tão notavel que até depois de morto illustrou a terra que lhe guardou os seus restos dando-lhe a notoriedade dos logares celebres, que se visitam com o respeito e a admiração que se sente pela memoria dos grandes vultos da humanidade.

A Azoia foi por quasi onze annos a sepultura de Herculano, e sel-o-ia por todo o sempre, se á patria não pertencesse o restaurador da sua historia, e lhe não devesse levantar monumento condigno em que lhe guardasse as suas cinzas.

A singeleza e catonismo do *Solitario de Valle de Lobos* não ambicionava outra sepultura que não fosse a do humilde presbiterio, mas a honra da patria é que exigia guardar cuidadosamente em cofre precioso e seguro os seus restos, para que elles se não perdessem, como tantos outros, e erigir-lhe, emfim, um monumento, testemunho de gratidão pelo homem que lhe votára as locubrações do seu grande espirito, reconstruindo-lhe a historia gloriosa d'entre as trevas do passado.

Alli foram, pois, buscar os restos de Herculano, no dia 27 de junho, a commissão executiva do monumento e mais alguns cavalheiros, como refere a chronica do nosso numero anterior, e os conduziram solemnemente para o tumulo dos Jeronymos.

A Azoia dista cerca de oito kilometros de Santarem e um de Valle de Lobos, onde Alexandre Herculano viveu durante os ultimos annos da sua existencia[2], na modesta casa de uma quinta, que elle comprou, compra a que Herculano se refere, nos seguintes termos, escrevendo a respeito dos seus amigos Bertrands, que lhe editaram as suas obras: «Entre mim e os meus velhos Bertrands, a quem eu chamava os *meus patrões*, nunca houve condições. Elles imprimiam os volumes que queriam, e davam-me o que entendiam. Só uma vez briguei com o tio João, por me parecer que me dava de mais e elle teimar que não. Calei-me por fim, porque elle começava a zangar-se. Passei annos sem vêr contas. Mandava lá buscar dinheiro quando precisava e não tomava nota. Elles é que lá sabiam d'isso. Apurámol-as uma vez quando comprei Valle de Lobos e trouxe quatro contos de reis.»

Tanto a Azoia, freguezia de uns 70 fogos, como Valle de Lobos, sitio em que está a quinta do mesmo nome, devem a sua nomeada ao grande escriptor, e nós, estampando n'estas paginas a vista panoramica da primeira, registamos, em homenagem a Alexandre Herculano, o logar da sua primeira sepultura.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA

(Continuação)

INSTALLAÇÃO DO SR. CONDE DO PAÇO LUMIAR E A CHOÇA RUSTICA DO SR. BARROS E CUNHA

São muito correctas.

A primeira demonstra possuir tudo que ha de mais moderno, sobre instrumentos de ferro e madeira, para desenvolvimento das terras, em proveito da agricultura nacional.

A segunda, coberta de colmo, é interiormente ornada com productos das propriedades, em Torres Vedras, do sr. Barros e Cunha.

[1] Vid. OCCIDENTE paginas 5 e 8 do 1 vol.
[2] Vid. OCCIDENTE paginas 5 do 1 vol.

COMPANHIA CENTRAL AGRICOLA INDUSTRIAL

A installação é de ferro e representa um elegante pavilhão, em volta d'um moinho automatico de ferro, do systema Haliday.

PENITENCIARIA CENTRAL

Esta installação figura a frente do edificio da Penitenciaria, com as suas torres ameiadas e portico guerreiro.

Agrupam-se no seu interior, em uma orientada disposição, estrados para moveis e para chapeus de sol, uma cama de madeira vasta, elegante e bem ornada; um aparador grande para casa de jantar, verdadeira obra de arte; *toilette* com pedra, cadeiras, mesas redondas, etc., que muito dispõem em favor da mão de obra dos reclusos; em tanoaria ha barris, anchoretas e pipos, trabalho limpo; um tronco de cortiça com arrendados feitos a canivete, tendo umas salvas no topo das *branches* com amostras de rolhas; uma estante com brinquedos, *etagérès*; vitrines com calçado, encadernações, chapeus de palha, capachos, vassouras de piassaba, bengalas, etc.,—tudo com os preços indicados.

É um estabelecimento util ao paiz porque produz, moralisando os reclusos pelo trabalho.

SECÇÃO DE MINAS

O annexo das minas é de uma architectura simples, porém de bom gosto.

Representa, a entrada, a *entivação* de uma grande galeria, formada por pinheiros em tosco, ligados em quadro, com pé direito central, servindo de base á cambota com que se imagina ir revestindo a abobada do tunnel.

Superior á *entivação* (sustimento da galeria), destaca-se o emblema mineiro: martello e pico cruzados entre ramos de carvalho e loureiro.

Estas duas peças são em todos os paizes escolhidas para emblema, por isso que o *martello e pico*, tambem desde tempos immemoraveis, são a ferramenta que auxilia o mineiro para arrancar das entranhas da terra as suas preciosidades.

Tem a installação oito janellas espaçosas de ogival, sendo as das empenas pintadas por fachas esbatidas, dando a distancia o effeito de se acharem n'um plano reintrante.

Em toda a extensão do tardoz, servindo a ventilação para reforço da luz, ha uma serie de janellas, de modo que n'este annexo nunca o ar está viciado.

Dentro de esta interessante installação, e na frente da porta de entrada, está o *interior de uma mina*, que é um dos maiores atractivos que ali se observam. Simula uma das galerias d'avanço sobre o filão de *antimonio* d'uma das mais importantes concessões de Gondomar. Ali se vêem o *schisto* (rocha encaixante do filão) *salbandas* de greda, etc. Com estes elementos, e com todo o material necessario que a companhia das minas de Gondomar poz á disposição do sr. Neves Cabral, engenheiro de minas e director da installação, conseguio este cavalheiro, coadjuvado pelo habil conductor José Maria Simões Junior, engenheiro Monteiro, conductores Barata, Roza, Almeida e outros, representar com notavel naturalidade, o *côrte* sobre o filão.

Estão ali representadas em cobre, em chumbo, carvão, anthracite, antimonio, prata, ouro, objectos antigos, aguas sulphurosas, manganesio, kaolins, graphite, phoporites *palmar* e *terrosa* (muito conhecida esta ultima na Hungria pelo nome de *terra de marmaroshj*), apatite compacta ou granular, etc., os concelhos d'Albergaria a Velha, Castro Verde, Arouca, Alandroal, Castello de Paiva, Sever do Vouga, Aljustrel, Almodovar, Alvito, Beja, Ferreira, Mertola, etc.

L. DAUPHINET & GASTAY

Expõem uma machina a vapor sob um hangar.

Ao fundo do recinto da exposição estão as exposições collectivas das ilhas e Coimbra; esta installação, que fica reservada para mais larga descripção, occupa toda a galeria *Principe da Beira*. Na volta para o sul (visto termos passado em revista a exposição dos annexos do sul para o norte) está o annexo do *Ministerio da Marinha* que oportunamente descreveremos em artigos especiaes. Segue-se o do

COMMANDO GERAL DE ARTILHERIA

É uma barraca de campanha rodeada de peças de artilheria de sitio, de campanha, de montanha, etc., e os diversos reparos e carretas em que ella assenta.

Interiormente, dispostas com muita elegancia, alinham-se as installações das diversas phases porque passam as construcções de projectis, canhões, espingardas, espadas, bayonetas, etc.

A ornamentação consiste em armaduras e estandartes reduzidos a gloriosos farrapos.

MOREIRA RATO & FILHOS

Expõe marmores cerrados, tubos de grez, tijolos communs, refractarios e ladrilhos mosaicos.

O pavilhão é de bonito aspecto exterior; dentro, ao fundo do annexo, está um grupo de artefactos de marmore, encimado pela estatua da Instrucção.

Compõe-se este grupo: de um fogão de marmore Busano; de um medalhão de pedra vidraço circumdado de marmore rosa representando artistica e primorosamente, n'um bello relevo, as Artes, Commercio Industria e Agricultura, fructos e flores; superiormente está uma couraça com as iniciaes L. I. encimadas pela corôa real. Sete folhas de marmore pulido, de differentes côres, em fórma de leque, de pedreiras nacionaes. Ladeando este grupo estão exemplares de ornamento, estylo manuelino; pedra para assentamento de machinas, para muralhas, etc., que servem de pedestal ás estatuas da Industria e das Artes; um bello grupo representando a Piedade e uma aguia propria para adorno de portico. Aos lados vêem-se as estatuas da Agricultura e da Riqueza, uma misula e um capitel, tudo admiravelmente disposto.

Junto a uma das janellas está a pedra como se encontra nas pedreiras, em seguida ao descobrimento, com as cunhas de ferro mettidas, a fim de mostrar ao publico como se inicia o trabalho; sob o mesmo intuito vêem quatro phases do apparelho de cantaria: picão, picóla, escoda e brunida. Proximo a outra janella ha um quadro com amostras dos nossos marmores mais apreciados, e em frente está uma machina de pressões destinada a experimentar a resistencia dos tubos de grés da fabrica da Abrigada, fundada em 1860.

As officinas de cantaria e estatuaria datam de 1840, e o visitante encontra ali photographias do interior e exterior d'estas mansões do trabalho.

Pelas paredes ha tropheus compostos de todas as ferramentas dos officios de canteiro e esculptor em pedra.

Por fóra, em volta da installação, peças enormes de grés, fabricação difficil, mós para moinhos, cantaria para todo o genero de edificações desde o tosco cascão até archivolta com moldura, completam a exposição correctissima dos srs. Moreira Rato & Filhos.

ARTES CERAMICAS

Ha duas installações; sendo a primeira, a mais elegante e ornamentada, da fabrica a vapor *Progresso Artistico* de J. J. d'Almeida Junça—expõe tijolos para construcções, telha systema marselhez, ventiladores para telhados, ladrilhos, balaustres, urnas, vasos para platibandas, estatuas, columnas e pedestaes para ornar salas, escadas, jardins, etc.

A outra installação é da *Empreza ceramica de Lisboa*, com fabrica a vapor de telhas marselheza e de escama; expõe telhões lisos e ornamentados, tijolos de todos os formatos, tubos e mais productos ceramicos para construcções.

Em ambas estas installações estão indicados os preços de todos os productos sobre os objectos expostos, ou seja n'um catalogo que é distribuido aos visitantes.

A exposição dos annexos, além do *hangar* para abrigo dos trens de praça completa-se ainda com uma grande edificação toda de ferro, que nos dizem pertencer á Empreza Industrial Portugueza, que está ainda em construcção; e da installação do allemão Baerlein que expõe luz eletrica.

(Continúa). *Manuel Barradas.*

OS MAIAS

EPISODIOS DA VIDA ROMANTICA

EXCERPTO

A casa do Damaso, velha e d'um andar só, tinha um enorme portão verde, com um arame pendente que fez resoar dentro uma sineta triste de convento: e os dois amigos esperaram muito antes que apparecesse, arrastando as chinelas, o gallego achavascado que o Damaso (agora livre de Carlos e das suas pompas) já não trazia torturado em botins crueis de verniz. A um canto do pateo uma portinha abria sobre a luz d'um quintal, que parecia ser um deposito de caixotes, de garrafas vazias e de lixo.

O gallego, que reconhecera o sr. Ega, conduziu-os logo, por uma escadinha esteirada, a um corredor largo, escuro, com cheiro a môfo. Depois, batendo o chinelo, correu ao fundo, onde alvejava a claridade d'uma porta entreaberta. Quasi immediatamente Damaso gritou de lá:

—Ó Ega, é você? Entre para aqui, homem! Que diabo!... Eu estou-me a vestir...

Embaraçado com estes brados de intimidade e tanta effusão, Ega ergueu a voz da sombra do corredor, gravemente:

—Não tem duvida, nós esperamos...

O Damaso insistia, á porta, em mangas de camisa, cruzando os suspensorios:

—Venha você, homem! Que diabo, eu não tenho vergonha, já estou de calças!

—Ha aqui uma pessoa de ceremonia, gritou o Ega para findar.

A porta ao fundo cerrou-se, o gallego veio abrir a sala. O tapete era exactamente igual aos dos quartos de Carlos no Ramalhete. E em redor abundavam os vestigios da antiga amizade com o Maia: o retrato de Carlos a cavallo, n'um vistoso caixilho de flôres em faiança; uma das colchas da India das senhoras Medeiros, branca e verde, enroupando o piano, arranjada por Carlos com alfinetes: e sobre um contador hespanhol, debaixo de redoma, um sapatinho de setim de mulher, novo, que o Damaso comprára no Serra, por ter ouvido um dia a Carlos que «em todo o quarto de rapaz deve apparecer, discretamente disposta, alguma reliquia d'amor...»

Sob estes retoques de *chic*, dados á pressa sob a influencia do Maia, impertigava-se a sólida mobilia do pai Salcede, de mogno e velludo azul; a console de marmore, com um relogio de bronze dourado, onde Diana acariciava um galgo; o grande e dispendioso espelho, tendo entalado no caixilho uma fila de bilhetes de visita, de retratos de cantoras, de convites para *soirées*. E Cruges ia examinar estes documentos, quando os passos alegres do Damaso soaram no corredor. O maestro correu logo a perfilar-se ao lado do Ega, diante do canapé de velludo, teso, commodo, com o seu chapéo alto na mão.

Ao vêl-o, o bom Damaso, que se abotoára todo n'uma sobrecasaca azul, florida por um botão de camelia, atirou risonhamente os braços ao ar:

—Então esta é que é a pessoa de ceremonia? Sempre vocês tem coisas! E eu a pôr sobrecasaca... Por pouco que não lhe afinfo com o habito de Christo!...

Ega atalhou, muito sério:

—O Cruges não é de ceremonia, mas o motivo que aqui nos traz é delicado e grave, Damaso.

Damaso arregalou os olhos, reparando emfim n'aquelle estranho modo dos seus amigos, ambos de negro, seccos, tão solemnes. E recuou, todo o sorriso se lhe apagou na face.

—Que diabo é isso? Sentem-se, sentem-se vocês...

A voz apagava-se-lhe tambem. Pousado á borda d'uma poltrona baixa, junto d'uma mesa coberta d'encadernações ricas, com as mãos nos joelhos, ficou esperando, n'uma anciedade.

—Nós vimos aqui, começou Ega, em nome do nosso amigo Carlos da Maia...

Uma brusca onda de sangue cobriu a face rechonchuda do Damaso até á risca do cabello encaracolado a ferro. E não achou uma palavra, attonito, suffucado, esfregando estupidamente os joelhos.

Ega proseguiu, lento, direito no canapé:

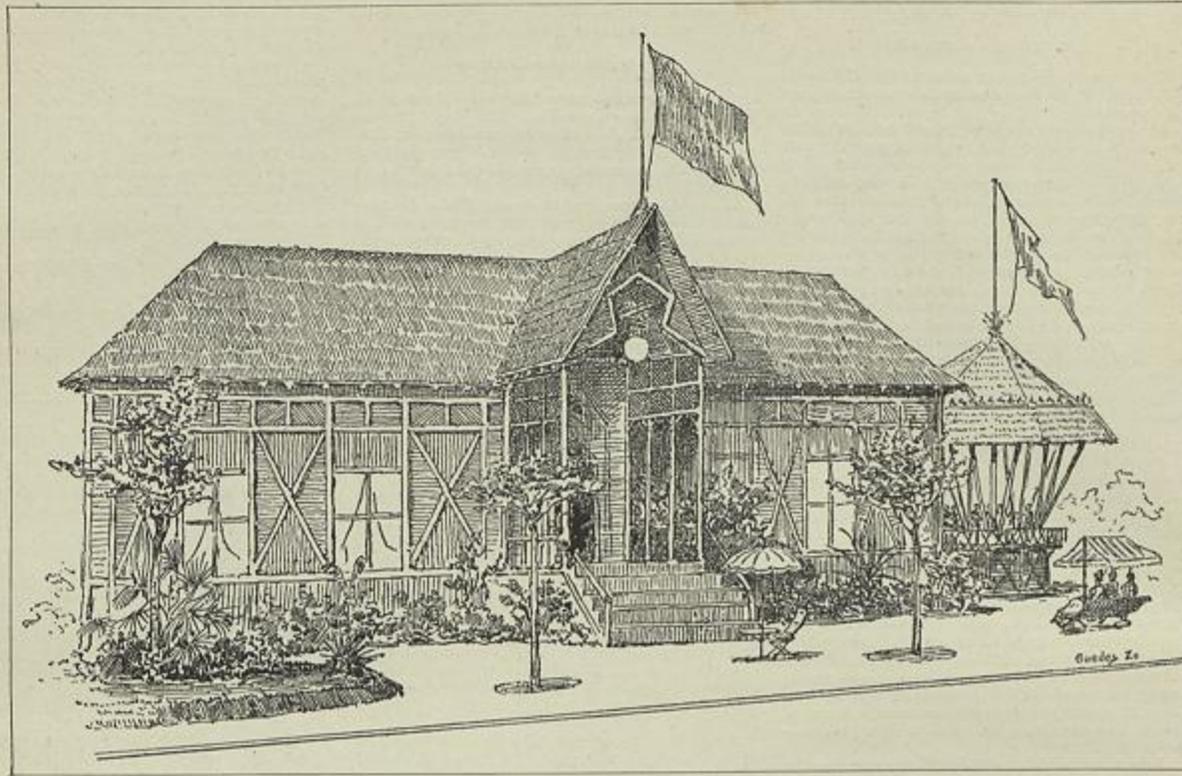
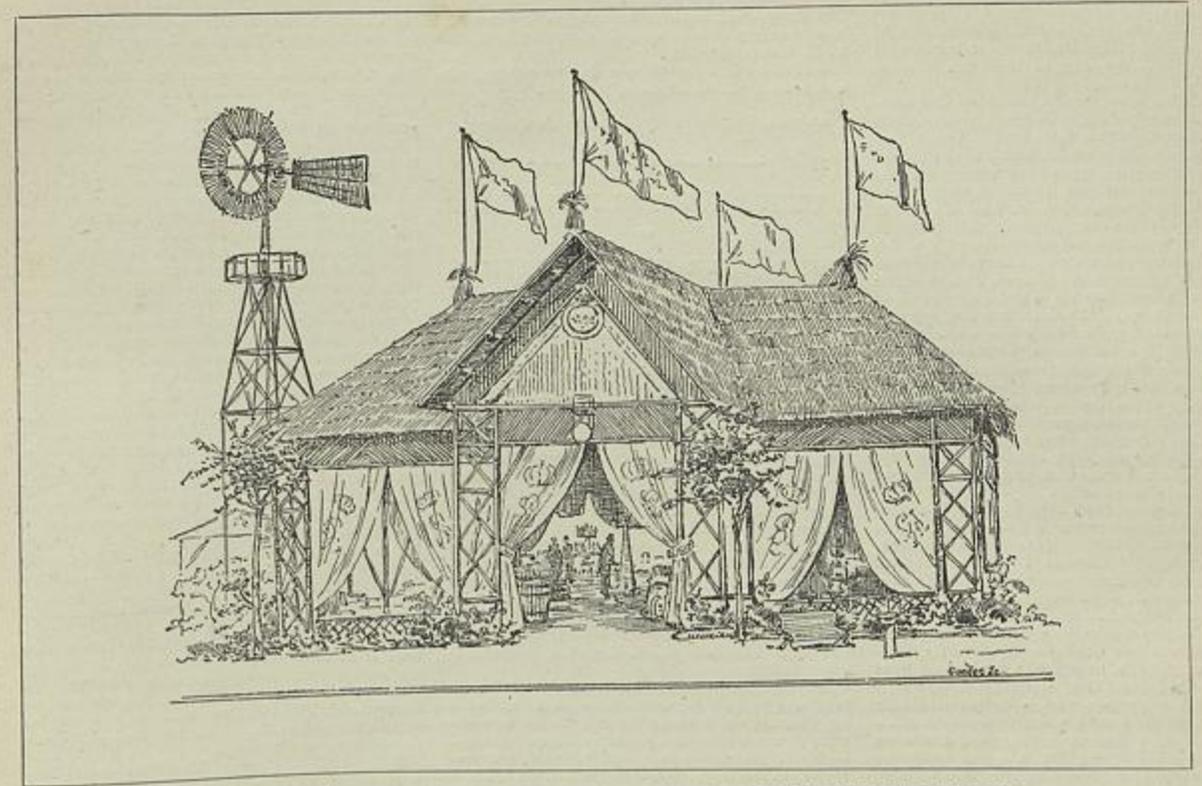
—O nosso amigo Carlos da Maia queixa-se de que o Damaso publicou, ou fez publicar, um artigo extremamente injurioso para elle e para uma senhora das relações d'elle na *Corneta do Diabo*...

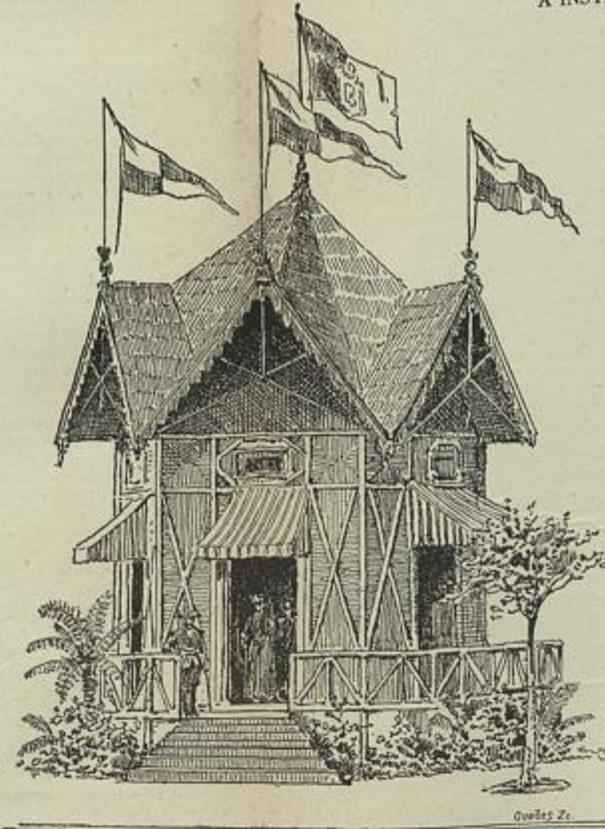
—Na *Corneta*, eu? acudiu o Damaso, balbuciando. Que *Corneta?* Nunca escrevi em jornaes, graças a Deus! Ora essa, a *Corneta!*...

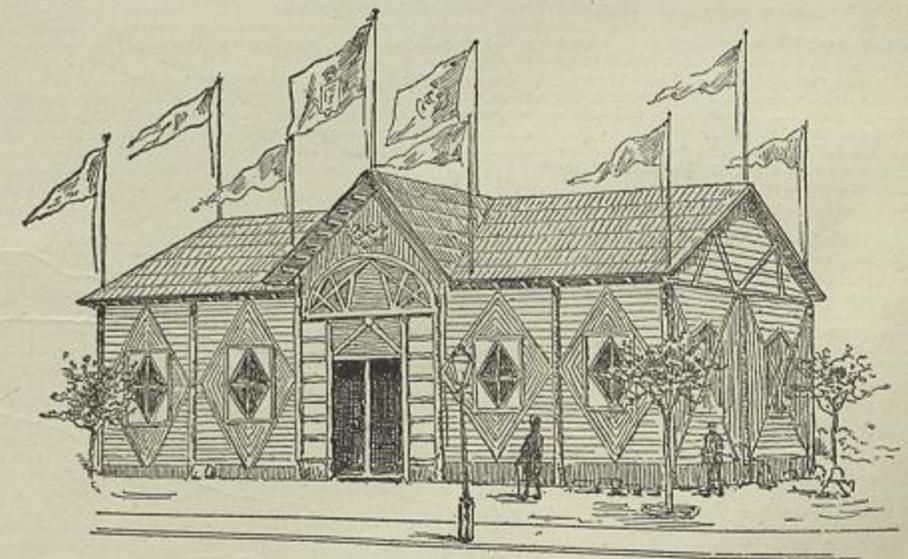
Ega, muito friamente, tirou do bolso um masso de papeis. E veio collocal-os um por um, ao lado do Damaso, na mesa, sobre um magnifico volume da *Biblia* de Doré.

—Aqui está a sua carta remettendo ao Palma Cavallão o rascunho do artigo... Aqui está, pela sua letra igualmente, a lista das pessoas a quem se devia mandar a *Corneta*, desde o Rei até á Fancelli... Além d'isso nós temos as declarações do Palma. O Damaso é não só o inspirador, mas materialmente o auctor do artigo... O nosso amigo Carlos da Maia exige, pois, como injuriado, uma reparação pelas armas...

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA COM UMA SECÇÃO AGRICOLA

OS ANNEXOS

A INSTALLAÇAO DA SECÇÃO DAS MATTAS E FLORESTAS DO REINO

A INSTALLAÇÃO DA COMPANHIA REAL PROMOTORA DA AGRICULTURA PORTUGUEZA

A INSTALLAÇÃO DO SR. MARGIOCHI

A INSTALLAÇÃO DE S. A. REAL O PRINCIPE D. CARLOS

(Desenhos por J. R. Christino)

A INSTALLAÇÃO DA SECÇÃO DE MINAS

Damaso deu um salto da poltrona, tão arrebatado — que involuntariamente Ega recuou, no receio d'uma brutalidade. Mas já o Damaso estava no meio da sala, esgazeado, com os braços tremulos no ar:

— Então o Carlos manda-me desafiar? A mim?... Que lhe fiz eu? Elle a mim é que me pregou uma partida!... Foi elle, vocês sabem perfeitamente que foi elle!...

E desabafou, n'um prodigioso fluxo de loquacidade, atirando palmadas ao peito, com os olhos marejados de lagrimas. Fôra Carlos, Carlos, que o desfeitiára a elle mortalmente! Durante todo o inverno tinha-o perseguido para que elle o apresentasse a uma senhora brazileira muito *chic*, que vivia em Paris, e que lhe fazia olho... E elle, bondoso como era, promettia, dizia: «Deixa estar, eu te apresento!» Pois, senhores, que faz Carlos? Aproveita uma occasião sagrada, um momento de luto, quando elle Damaso fôra ao Norte por causa da morte do tio, e mette-se dentro da casa da brazileira... E tanto intriga, que leva a pobre senhora a fechar-lhe a sua porta, a elle, Damaso, que era intimo do marido, intimo de *tu!* Caramba, elle é que devia mandar desafiar Carlos! Mas não! fôra prudente, evitára o escandalo por causa do sr. Affonso da Maia... Queixára-se de Carlos, é verdade... Mas no Gremio, na Casa Havaneza, entre rapaziada amiga... E no fim Carlos préga-lhe uma d'estas!

— Mandar-me desafiar, a mim! A mim, que todo o mundo conhece!...

Calou-se, engasgado. E Ega, estendendo a mão, observou placidamente que se desviavam do ponto vivo da questão. O Damaso concebera, rascunhára, pagára o artigo da *Corneta*. Isso não o negava, nem o podia negar: as provas estavam alli, abertas sobre a mesa: elles tinham além d'isso a declaração do Palma...

— Esse desavergonhado! gritou o Damaso, levado n'outra rajada d'indignação que o fez redemoinhar estonteado, tropeçando nos moveis. Esse descarado do Palma! Com esse é que eu me quero ver!... Lá a questão com o Carlos não vale nada, arranja-se, somos todos rapazes finos... Com o Palma é que é! Esse traidor é que eu quero rachar! Um homem a quem eu tenho dado ás meias libras, aos sete mil réis! E ceias, e tipoias! Um ladrão que pediu o relogio ao Zeferino para figurar n'um baptisado, e pôl-o no prégo?... E faz-me uma d'estas!... Mas hei de escavacal-o! Onde é que você o viu, Ega? Diga lá, homem: Que quero ir procural-o, hoje mesmo, correl-o a chicotadas... Traições não, não admitto a ninguem!

Ega, com a tranquillidade paciente de quem sente a prêsa certa, lembrou de novo a inutilidade d'aquellas divagações:

— Assim nunca acabamos, Damaso... O nosso ponto é este: o Damaso injuriou Carlos da Maia: ou se retrata publicamente d'essa injuria, ou dá uma reparação pelas armas...

Mas o Damaso, sem escutar, appellava desesperadamente para o Cruges, que se não movera do sofá de velludo, esfregando um contra o outro, com um ar arripiado e de dôr, os dois sapatos novos de verniz.

Aquelle Carlos! Um homem que se dizia meu amigo intimo! Um homem que fazia de mim tudo! Até lhe copiava coisas... Você bem viu Cruges. Diga! Falle, homem! Não sejam vocês todos contra mim!... Até ás vezes ia á alfandega despachar-lhe caixotes...

O maestro baixava os olhos, vermelho, n'um infinito mau estar. E Ega, por fim, já farto, lançou uma intimação derradeira:

— Em resumo, Damaso, desdiz-se ou bate-se?

— Desdizer-me? tartamudeou o outro, impertigando-se, n'um penoso esforço de dignidade, a tremer todo. E de quê? Ora essa! É boa! Eu sou lá homem que me desdiga!

— Perfeitamente, então bate-se...

Damaso cambaleou para traz, desvairado:

— Qual bater-me! Eu sou lá homem que me bata! Eu cá é a sôcco. Que venha para cá, não tenho medo d'elle, arrombo-o...

Dava pulinhos curtos de gordo, através do tapete, com os punhos fechados e em riste. E queria Carlos alli para o escavacar! Não lhe faltava mais senão bater-se... E então duellos em Portugal, que acabavam sempre por troça!

Ega no emtanto, como se a sua missão estivesse finda, abotoára a sobrecasaca e recolhia os papeis espalhados sobre a *Biblia*. Depois, serenamente, fez a ultima declaração de que fôra incumbido. Como o sr. Damaso Salcede recusava retractar-se e rejeitava tambem uma reparação pelas armas, Carlos da Maia prevenia-o de que em qualquer parte que o encontrasse d'ahi por diante, fosse uma rua, fosse um theatro, lhe escarraria na face...

— Escarrar-me! berrou o outro, lívido, recuando, como se o escarro já viesse no ar.

E de repente, espavorido, coberto de bagas de suor, precipitou-se sobre o Ega, agarrando-lhe as mãos, n'uma agonia:

— Ó João, ó João, tu, que és meu amigo, por quem és, livra-me d'esta entaladella!

(Continua). *Eça de Queiroz.*

EXPULSÃO DOS JESUITAS

DE

PORTUGAL, BRAZIL, MADEIRA, AÇORES, ASIA E AFRICA

(Continuado do n.º 313.)

Se exceptuarmos alguns membros da Companhia de Jesus que estavam na casa de custodia de Azeitão, os quaes a razão de Estado não permittia que fossem postos em liberdade, e os de votos simples, que ainda havia no collegio de Evora, mas podiam sahir d'elle, aproveitando o indulto concedido pelo cardeal patriarcha de Lisboa, visitador e reformador da Companhia,[1] já não havia nenhum em Lisboa e nas tres provincias da Extremadura, Alemtejo e Algarve.

Proseguindo na execução da lei de 3 de setembro, o governo de D. José I cuidou activamente de expulsar os jesuitas do norte do reino. E foram tão promptas e acertadas as suas providencias que, a despeito de accidentes imprevistos, chegava ao Tejo no dia 27 de novembro um grande navio sueco procedente do Porto, com formidavel carregamento de jesuitas. Eram 226 vindos dos collegios de Coimbra, Braga, Bragança e Porto.

O navio, tendo sahido em 24 a foz do Douro, fundeava pelas 8 horas da noite de 25 na bahia de Cascaes, onde se demorou mais do que devia por causa de um equivoco do commandante d'aquella praça; de sorte que só no dia 27 ancorou, já de noite, proximo da torre de Belem e de outra embarcação, tambem sueca, equipada e prompta para fazer o frete.

Grande foi o jubilo que experimentou por essa feliz viagem o conde secretario de estado, como se vê d'estas suas palavras: — «A cada um dos dois mestres capitães do referido navio se deram aqui dez moedas de gratificação pessoal em alviçaras de sua boa diligencia; e se lhes deram ao mesmo tempo outras dez moedas para repartirem pelos marinheiros da sua equipagem.» — Teve, pois, o navio para esse effeito duas companhas, uma sueca, outra portugueza, da qual era «mestre capitão Pedro Carvalho.»

Na mesma noite de 27 se fez a baldeação dos jesuitas de um para outro navio, vindo este finalmente a sahir a barra no dia 28, uma quarta feira, das duas para as tres horas da tarde «com tão favoravel vento — escreve satisfeitissimo o conde de Oeiras a 30 — que é verosimil que estejam a estas horas muito proximos ao estreito de Gibraltar.»

Foram n'essa viagem 224 jesuitas, porque em terra ficaram «sómente dois rapazes de edade muito tenra que reclamaram o beneficio da real clemencia.» Só de Coimbra eram mais de 140 que haviam ido para o Porto com os desembargadores Luiz Estanislau da Silva e Antonio de Sequeira da Gama e Ayala, que tinham voltado para aquella cidade depois de effeituado o segundo embarque. Entrava n'esse numero uma parte dos jesuitas do collegio de Gouveia, alguns dos quaes estavam então reclusos, com a maior segurança e aperto, na praça de Almeida, como fôra determinado em 11 de outubro ao mestre de campo general Manuel Freire de Andrade, a cargo de quem estava o governo das armas da provincia da Beira.

Succedeu coincidir aquella diligencia com o tempo das matriculas na Universidade e tambem com a ida do arcebispo D. Gaspar, irmão natural do rei, para Braga; e ambas estas circunstancias aproveitou o conde de Oeiras para mandar embargar todas as cavalgaduras, em que os estudantes iam para Coimbra, e todas as carruagens e cavallos que ali chegasssm, de retorno da jornada do arcebispo primaz. Queria ter seguros e promptos os meios de conducção, assim de seges e liteiras como de bestas de sella e de albarda, mas estas principalmente pelas razões seguintes: — «Na consideração de que o commum dos ditos regulares que hoje existem n'essa casa *(o collegio de Coimbra)* consiste em homens moços e leigos, e na de que se teem feito indignos de toda a attenção; se fará desnecessario um grande numero de carruagens, porque podem muito bem ir a cavallo em bestas de sella e ainda de albarda: principalmente devendo fazer a jornada do Porto com tanta commodidade que vão em quatro dias, não passando no primeiro da Mealhada, no segundo do Sardão, no terceiro de Santo Antonio da Arrifana, para chegarem no quarto ao Porto, como aqui se tem ajustado com os mesmos ministros *(Silva e Ayala)*, para se lhes prevenirem os mantimentos necessarios dos referidos transitos.»

Escoltou-os até ao Porto um destacamento de 40 cavallos, sob o commando de Fernando Leite de Sousa, um dos officiaes que tinha vindo á côrte com os outros jesuitas de Coimbra. E na mesma occasião partiram para aquella cidade os religiosos professos do quarto voto dos collegios de Bragança e de Braga.

A Bragança foram os desembargadores Raymundo Coelho de Mello, que fez o sequestro de todos os bens do collegio e custodiou os exilados até o Porto, e Joaquim Alvares Moniz, que ainda lá ficou «como inteiramente subrogado no logar do ministro substituido com todos os seus poderes, sem restricção alguma.» Não obstante as instrucções do conde secretario de estado para os jesuitas de Bragança serem conduzidos pelo Douro, o chanceller da relação do Porto, Francisco José da Serra Craesbeck de Carvalho, assumiu a responsabilidade de mandar que a jornada fosse feita por terra, porque — «supposta a distancia a Bragança (escrevia o chanceller), as difficuldades para o transporte, e tambem para de fazer pelo rio Douro, onde, além dos perigos e embaraços dos pontos, accresce agora serem estes transitos mui frequentados de gente aos recolhimentos do vinho, assentámos em se fazer a jornada por terra.» — E d'esse modo vieram para o Porto, rodeados de cavallaria, com todas as precauções do costume, os regulares do collegio de Bragança, á excepção de dois: Antonio de Torres e Paulo Ferreira, que, pouco depois, sob custodia do ouvidor da comarca, e guardados tambem por cavallaria, sairam de noite para a praça de Almeida, onde tinha ordem de os receber o marechal de campo general Manuel Freire de Andrade.

Depois de inteiramente evacuado, o collegio com a sua egreja e todas as alfaias d'ella e da capella interior, immediatamente dedicadas ao culto, foi entregue por inventario ao bispo de Miranda.

A Braga foram tres desembargadores que procederam da mesma sorte, quer no sequestro dos bens do collegio e na entrega d'elle e seu templo ao arcebispo, quer no transporte dos religiosos e na remessa para Almeida do reitor João de Pina e de outros dois padres de má nota, vindos do Pará.

E tanto em Braga, como em Bragança e Coimbra, na mesma noite em que sahiram os jesuitas de profissão solemne, foram convocados todos os diaconos e sub-diaconos, que não tinham mais do que os tres votos simples, para lhes ser lida a lei de 3 de setembro e a pastoral da mesma data do cardeal patriarcha de Lisboa para relaxar os votos e conceder demissorias aos que quizessem sahir, estando nas devidas circumstancias; cumprindo-lhes declarar por escripto, e sem a menor coacção, o que cada um deliberava sobre aproveitar ou não aproveitar o referido indulto.

[1] «Porque, porém, aquella deploravel corrupção dos ditos regulares (com differença de todas as outras ordens religiosas, cujo commum se conservou sempre em louvavel e exemlpar observancia) se acha no corpo que constitue o governo e o commum da sobredita Sociedade; sendo verosimil que n'ella possa haver alguns particulares individuos d'aquelles que ainda não haviam sido admittidos á profissão solemne, os quaes sejam innocentes, por não terem ainda feito as provas necessarias para se lhes confiarem os horriveis segredos de tão abominaveis conjurações e infames delictos; n'esta consideração, não obstante os direitos communs da guerra e da represalia universalmente recebidos e quotidianamente observados na praxe de todas as nações civilisadas que vivam mais religiosamente, direitos segundo os quaes todos os individuos da sobredita Sociedade, sem excepção de alguns d'elles, se acham sujeitos aos mesmos procedimentos, pelos insultos contra mim e contra os meus fieis vassallos, commettidos pelo seu pervertido governo; comtudo, reflectindo a minha benignissima clemencia na afflicção que hão de sentir aquelles dos referidos particulares, que, havendo ignorado as machinações dos seus superiores, se virem proscriptos como parte d'aquelle corpo infecto e corrupto: Hei por bem permittir que todos aquelles dos ditos particulares ainda não solemnemente professos que a vós houverem recorrido para lhes relaxardes os votos simplices, e que apresentarem demissorias vossas, possam ficar conservados n'estes reinos e seus dominios como vassallos d'elles, não tendo aliás culpa pessoal provada que os inhabilite.» — Carta regia de 3 de setembro de 1759, inserida e publicada na pastoral do cardeal patriarcha de Lisboa de 5 de outubro do mesmo anno. — *Collecção dos breves pontificios, leis regias e officios, etc.*, n.º XXI na *Collecção dos negocios de Roma*, Lisboa, 1874, p. I, pag. 120 e 121.

Aos que declararam que queriam sahir da Companhia de Jesus, deu-se logo o vestuario competente para fazerem o seu egresso com decencia; alugaram-se-lhes bestas para passarem ás terras da sua naturalidade; ministrou-se-lhes farnel para o caminho, a razão de 6 tostões por dia; e aos que eram tão pobres que, depois do egresso, não tinham com que se sustentar, communicou-se-lhes que o soberano mandava estabelecer a cada um 100 réis por dia, de congrua, a qual era para logo assente nos rendimentos do sequestro.

Os que, porém, preferiram por sua livre vontade permanecer na Sociedade de Jesus foram enviados para o Porto, de sorte que ou alcançaram ainda na jornada os que haviam partido, ou chegaram ali pouco depois d'elles, para se embarcarem com seus companheiros na mesma occasião.

As instrucções dadas para a estada e embarque no Porto eram egualmente succintas que precisas: reunir todos os proscriptos no collegio d'aquella cidade, embora ficassem apertados, dois e tres em cada cella; e mandal-os de noite para bordo do navio sueco *Carlos Pedro Ulrica*, capitão Lars Giedds, fundeado defronte do castello da Foz.

Onze sacerdotes de profissão solemne, dos quaes 7 tinham vindo do Maranhão, foram presos para Almeida, e os doentes e impossibilitados de seguir viagem conduzidos para alguns conventos de carmelitas descalços. O collegio, depois de completamente evacuado, foi entregue por inventario ao bispo do Porto.

E como ainda persistiam em Evora perto de 100 jesuitas, porque dos 111 que lá havia no meiado de setembro só 18 tinham vindo para Azeitão, mandou-os o governo sahir logo no principio de dezembro, acompanhados pelos desembargadores Guião e Luiz Ignacio da Silva Duarte. Vieram para Benavente, na fórma do costume, com a só differença de ir a bagagem collocada em varaes de sege, com cordas, para maior facilidade da conducção. Trazia cada qual 1 colxão, 4 lençoes, 2 cobertores, 1 travesseiro e as camisas de seu uso com que embarcaram em Belem no veleiro transporte sueco que fizera a viagem do Porto a Lisboa com os jesuitas do norte. Em Evora ficaram apenas 1 padre entrevado e outro decrepito.

A despeza dos transportes e das jornadas era feita em toda a parte pelo cofre dos sequestros e, na falta d'elle, por qualquer outro deposito, sem excepção.

Finalmente, as cartas de saude nunca eram entregues aos capitães dos navios senão depois de completo o embarque dos jesuitas que lhes competia levar, porque sem ellas não podiam levantar ferro.

Alberto Telles.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

V

E então o Dominguinhos atirou-se á elegancia como um bull-dog se atira a um gato.

Aquillo nos primeiros repellões foi uma furia insana.

Até ali o pequeno contentára-se philosophicamente com o seu casaquinho de lustrina, a sua calça de linho engommada e bem vincada, o seu *bonet* de pala grande.

Quando se viu laureado em portuguez do 3.º anno e olhou para o espelho a cousa mudou logo de figura.

Foi ter com a mãe e expoz-lhe em estylo correcto e elegante a sua necessidade impreterivel de mudar de vestuario.

A mãe deu-lhe logo carradas de rasão.

Demais a mais, o *louvor* do exame ainda fresquinho fazia-o o ai! Jesus! da familia.

O pae revia-se n'elle com orgulho, e já saboreava no seu descendente o grande Pereira do futuro, o immortal Dominguinhos do dia de ámanhã!

E então o sr. Pereira do Erario teve um rasgo. Disse ao seu filho que fosse ao Xafredo, o alfaiate elegante da rua nova do Almada, e fizesse um fato novo á sua vontade, sem olhar a preço.

A mãe não querendo ficar atraz do pae, tambem teve o seu rasgo:

Deu-lhe carta branca para o Roxo, o chapeleiro do Rocio.

E d'ahi a oito dias o Dominguinhos appareceu á familia Pereira e á sociedade portugueza, completamente transformado.

Era de todo o ponto outra pessoa!

A sua cara muito grande, de feições duras, compridas e chatas, adquirira de um momento para o outro um aspecto inteiramente novo com um monoculo de vidro de vidraça, que elle addicionára como complemento indispensavel ao seu novo formato.

Uma sobrecasaca muito apertada na sua cintura larga, tão larga como os hombros, umas calças côr de flôr d'alecrim, sem feitio, exactamente como os grossos e curtos barrotes que lhe serviam de pernas, uns sapatos de polimento de bico revirado para cima como os sapatos chinezes e os saveiros d'Ovar, um chapeu alto, branco, com dois dedos de fumo para lhe fazer sobresahir a alvura, e collocado á banda no topo da sua enorme cabeça, tal era a encadernação nova em que o Dominguinhos tinha mettido o seu grotesco corpo de batoque

Ao mesmo tempo, mudando de fato, o Dominguinhos mudou tambem de maneiras.

Fez uma revolução completa no seu modo de andar, de mecher os braços, de atirar as pernas, de olhar para as cousas, de cumprimentar as pessoas e até de pronunciar as palavras.

Tudo isso elle tinha estudado activamente emquanto o Roxo lhe fazia o chapeu e o Xafredo lhe cortava o fato, e depois estreiou tudo no mesmo dia.

A mãe e o pae quando o viram ficaram estupefactos, e passado o primeiro momento de assombro, desataram a rir, como se tivessem deante de si um mascara muito engraçado.

O Dominguinhos que não contava com este effeito da sua nova maneira, encavacou.

Encavacou tanto que até as lagrimas lhe chegaram aos olhos.

Passado porém o primeiro frouxo de riso, que era inevitavel perfeitamente ante aquella grotesca figura, o Pereira e sua esposa cahiram em si.

A voz do sangue fallou, e então, mercê da sua falla, os paes do Dominguinhos começaram a achal-o muito bem assim.

Estava um homem, commentavam e tinha distincção, originalidade. Não era um typo commum, vulgar, como toda a gente.

—Todos os grandes homens tem o seu feitio, dizia o pae, vejam lá o Garrett, o grande Garrett, não era uma figura exquesita tambem; e o Camões, esse até não tinha um olho!

—É verdade, é, concordava a mãe.

E depois explicava o seu assombro e o seu frouxo de riso:

—É que nós não estavamos acostumados a ter grandes homens na familia!

*
* *

Na rua o Dominguinhos produziu o mesmo effeito hilariante em toda a gente: nos seus condiscipulos, nos seus amigos e até nas pessoas que não o conheciam.

Nas ruas da baixa os transeuntes paravam para o ver passar e ficavam-n'o olhando com um sorriso de indecisão como quem não sabia bem se aquillo era para rir ou para ter dó.

No passeio publico o Dominguinhos fez *successo*.

Foi o grande acontecimento do dia, com detrimento do Arthur Reinharot, o mestre da banda dos marinheiros, que dirigiu primorosamente, com os seus espectaculosos e desmanchados gestos de maestro-regente, a *Casta diva*, sem alcançar sequer uma palma.

Os amigos do Dominguinhos, os seus ex-collegas do Gymnasio Godinho, que n'esse dia o encontraram fizeram-lhe uma troça monumental, uma montaria em fórma, mas elle com a tranquillidade serena e convicta d'um apostolo, foi superior a tudo isso.

Os risos, os epigrammas, os dichotes dos amigos acharam-n'o perfeitamente insensivel: passaram por elle sem o ferir, tomou-os apenas á conta de inveja, como á conta de admiração tomou o espanto das pessoas que na rua paravam a miral-o curiosas como se mira um animal exquisito, e se cheio de si tinha sahido de casa mettido dentro do seu novo fato e do seu novo feitio, mais cheio regressou ainda.

Nos dias seguintes os amigos e o publico foram-se habituando a elle, e no fim d'uma semana o Dominguinhos já atravessava os arruamentos da baixa sem obrigar a vir á porta os marçanos ociosos e espavoridos.

Entretanto do espalhafato que a sua «ultima maneira» produziu em Lisboa, elle tirou logo o seu resultado—a popularidade.

Dava nas vistas, mettia-se pelos olhos dentro: homens e mulheres indagavam quem elle era.

As respostas mais ou menos explicativas convergiam todas ao mesmo ponto, chegavam á mesma conclusão:

—É um tolo!

Pois sim, será um tolo mas ficou sendo um tolo conhecido.

E o ser-se conhecido, seja porque fôr, n'esta terra é uma coisa excellente; então ser-se conhecido por tolo é maravilhoso, é meio caminho andado para todas as carreiras sociaes, a começar pela de conquistador.

Até ao dia do monoculo, do chapeu alto e do sapato de bico retrocido, nenhuns olhos femininos se tinham fitado no Dominguinhos, de casaco de lustrina e de *bonnet* de pala.

D'esse dia em deante começou a ser «a mim mais a mim».

Então no Passeio Publico o destroço que o filho do Pereira gordo fez nos corações da freguezia de S. Nicolau, S. Julião e Santa Justa e Rufina, foi cruel.

Apenas elle apparecia na rua do meio, com o vidro no olho esquerdo muito enrugado n'uma careta de macaco, as mãos gordas, sapudas, phenomenaes, mettidas dentro d'umas luvas amarellas, e o seu andar cadenciado de fantoche trabalhando ao som de marcha militar, as meninas cochichavam umas com as outras e davam muitas risadinhas por detraz do leque, mas se elle as olhava com o seu ar estupidamente petulante ellas ficavam logo derretidas.

Foi assim que o Dominguinhos principiou a ter namoros ás duzias, foi assim que elle começou a ser requestado pela mocidade feminina da Lisboa central, depois de ter sahido approvado com louvor no 3.º anno de portuguez.

VI

O Pereira gordo e sua esposa foram os primeiros a entrar no corredor da casa do Leitão.

O Dominguinhos fazendo agora muita gala em ser excessivamente respeitoso para com os seus illustres progenitores, seguia-os submisso.

E não era só para com os seus paes que o Dominguinhos era agora excessivamente respeitoso; era para com toda a gente. Aquillo fazia parte do seu novo feitio.

Era d'uma exagerada delicadeza, desfazia-se em amabilidades e em cumprimentos, passava metade da vida curvado, como uma *aspasinha* de bom calligrapho diante de todas as pessoas que encontrava no seu caminho.

No corredor do Leitão começou a curvar-se logo á entrada, diante da criada que lhe abrirá a porta.

Foi então que a Cleta o viu e foi a correr ao quarto da Ignacinha dar parte de que era elle.

A Ignacinha, cheia de curiosidade, despejou o resto da caixa do pó d'arroz nas suas escaveiradas faces, e veio logo a correr receber a mulher do Pereira, fazer-lhe as honras da casa visto sua mãe estar na sala com as outras visitas, tomar-lhe conta nos agasalhos.

Quando chegou ao corredor, porém, já a esposa do sr. Pereira tinha tirado o seu chale e as suas mantas, o sr. Pereira tinha despido a sua dublé capa e o seu cache-nez escarlate, e já toda essa rouparia estava nos braços do Dominguinhos, muito sollicito n'esse mister de guarda de *vestiaire*, ou antes, de cabide.

A Ignacinha beijou muito a sr.ª Pereira, que apenas a viu disse logo a gracinha tradicional:

— Olha a menina nascida, como está alta e desembaraçada.

O sr. Pereira deu-lhe os seus parabens, não se poupando tambem a ter o seu bocadinho de espirito.

— Então não tem vergonha, Ignacinha? Fazer uma coisa d'essas.

— Mas o que fiz eu, sr. Pereira!

— Annos! Fazer annos uma menina da sua idade? Deixe isso cá para os velhos...

E depois ambos, marido e mulher, em duetto, concluiram a serio, e sempre com a mesma originalidade picante:

— Que contasse muitos e muitos com muita felicidade, e na companhia de quem mais desejasse, e elles que vissem!

E entretanto o Dominguinhos continuava carregado de chales, casacos e mantas, atraz de seus paes, silencioso e agora muito mais curvado ainda, muito diplomaticamente, pela presença da Ignacinha que tinha nada menos do que tres titulos á maior dobra de todo o seu ser: o titulo de senhora, de filha do dono da casa, e de festejada d'esse dia.

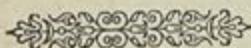
E' por todas estas rasões, o Dominguinhos estava quasi que dobrado ao meio debaixo dos agasalhos paternaes.

(Continúa).

Gervasio Lobato.

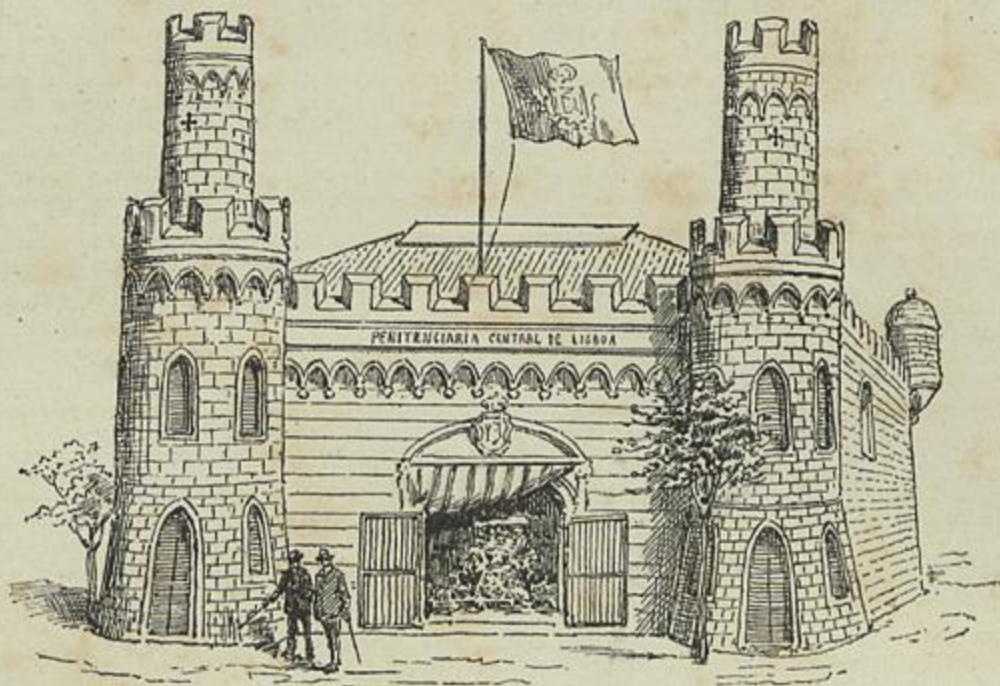
EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA

COM UMA SECÇÃO AGRICOLA

A INSTALLAÇÃO DA PENITENCIARIA (Desenho de J. R. Christino)

RESENHA NOTICIOSA

Academia Real das Sciencias. Reuniu em a noite de 5 do corrente a assembléa Geral da Academia Real das Sciencias, sob a presidencia do sr. conselheiro Jayme Moniz. O fim d'esta reunião era para eleger, segundo a proposta do sr. Latino Coelho, mais um director para a publicação do diccionario portuguez. Foi eleito por unanimidade o illustre academico o sr. visconde de Benalcanfor.

Subsidio a um estudante. O sr. Eduardo Mozer promoveu entre alguns amigos seus uma subscripção de que elle é um dos principaes subscriptores, para estabelecer uma mezada ao sr. Arthur Napoleão Vieira de Mello, alumno da Academia de Bellas-Artes, afim de ir estudar em Paris a pintura. É digno de todo o louvor este procedimento, que assim anima um estudante com vocação.

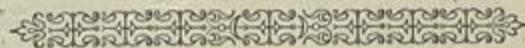
Exposição de vinhos portuguezes em Berlim. Está definitivamente organisado o programma para uma exposição de vinhos portuguezes, em Berlim, com auxilio do governo portuguez e de accordo com o commercio berlinnense, protegendo tambem esta exposição a Sociedade Central de Geographia de Berlim. O programma é o seguinte: 1.º Vinhos; 2.º Uvas; 3.º Instrumentos usados na cultura da vinha; 4.º Noticias, memorias, relatorios ou livros que descrevam os processos de cultura da vinha em Portugal, e fabrico do vinho; 5.º Ampelographia, pathologia da vinha; 6.º Estatistica da cultura e da producção vinicola, do consumo e do commercio de vinhos; 7.º Cartographia vinicola; 8.º Photographias e planos de adegas e outros estabelecimentos vinicolas; 9.º Modelos de alfaias vinicolas, machinas, etc; 10.º Ethnographia da população vinhateira, elementos para o estudo social do vinicultor, trajes, usos, costumes, etc. As despezas de transporte em caminho de ferro allemão correm por conta da Sociedade Central de Geographia de Berlim, na razão de um hectolitro por expositor. As despezas de transporte até á Allemanha são adiantadas pela commissão central, tambem na razão de um hectolitro por expositor sendo depois descontadas da importancia da venda. As despezas de installação dos productos em Berlim são feitas á custa da referida sociedade de Geographia. Esta mesma sociedade conferirá aos expositores os seguintes premios: medalhas de prata e de bronze com diplomas; diplomas honorificos e distincções especiaes para os expositores dignos d'ellas, constantes de medalhas de ouro e de objectos d'arte de grande valor. A commissão portugueza eleita pelos viticultores compõem-se dos seguintes cavalheiros: Conselheiro Francisco Joaquim da Costa e Silva, Francisco Simões Margiochi, Gerardo Augusto Pery, Alexandre de Seabra, Alfredo Capesius, Antonio Izidoro de Sousa, Antonio Maria Dias Pereira Chaves Mazziotti, conde de Castello de Paiva, conde do Paço do Lumiar, Ernesto George, João Gualberto de Barros e Cunha, Joaquim Gomes de Sousa Belford, Joaquim José de Figueiredo Leal, José Caetano dos Reis, José Maria dos Santos e Carl Merck. No Porto funcciona uma commissão de que fazem parte os srs.: Conde de Samodães, visconde de Villar d'Allen, Manuel de Albuquerque de Mello e Caceres, Alberto Sampaio, Alfredo Carlos Infante Pessanha, Antonio Brandão Pereira, Antonio Caetano de Oliveira, Antonio Carlos Correia Pinto de Lemos, barão das Lages, Christiano Wanzeller, Joaquim Pinheiro de Azevedo Leite, José Ferreira de Macedo Pinto, José Joaquim Guimarães Pestana da Silva, Manuel Duarte Guimarães Pestana da Silva e visconde de Villarinho de S. Romão.

Albergues Nocturnos de Lisboa. Reuniu no dia 1 do corrente, no paço da Ajuda, sob a presidencia de Sua Magestade El-Rei D. Luiz, a assembléa geral da direcção dos Albergues Nocturnos de Lisboa, para a apresentação do relatorio da gerencia d'esta sociedade no anno de 1887, elaborado pelo sr. conde de Valenças, secretario da direcção e um dos membros mais dedicados a esta util e sympathica instituição. O relatorio dá boa noticia do estado prospero em que se acha a nova instituição, que nos poucos annos da sua existencia, já tem prestado os mais relevantes serviços á cidade de Lisboa, e captado as sympathias do publico, traduzidas nos donativos que muitos cavalheiros lhe tem feito, augmentando consideravelmente o fundo dos Albergues Nocturnos. É assim que no anno findo o Albergue recebeu 15:467$365 réis de donativos o que permittiu á direcção o comprar uma casa na rua da Cruz dos Poyaes, para n'ella estabelecer um novo albergue, com escolas primaria e de officios. A receita total foi de 86:630$695 réis incluindo o saldo do anno anterior na importancia de 68:030$715; a despeza foi de 19:913$126 réis, incluindo a compra do predio já referido. O saldo do anno de 1887 é superior ao saldo do anno de 1886 em 14:182$985 réis, sendo o fundo social dos Albergues no fim d'aquelle anno de 85:219$715. É com este lisongeiro resultado que a instituição dos Albergues Nocturnos vae desenvolver a sua acção benefica, estabelecendo em Lisboa mais dois albergues e uma escola de artes e officios, por iniciativa do sr. conde de Valenças, o qual elaborou o programma para a mesma escola e é o seguinte: A escola-officina, verdadeiramente pratica, será dividida em secções, em harmonia com as diversas classes de officios. O pessoal do estabelecimento compor-se-ha de um professor primario e de um ajudante, de tres mestres d'officinas e de um guarda. O primeiro vencerá réis 500$000 annuaes, o segundo 200$000 réis, os terceiros 300$000 réis cada um e o ultimo réis 200$000. O professor e ajudante devem ter o curso da Escola Normal de Lisboa. Os alumnos serão divididos em tres classes: — ordinarios (educados e sustentados á custa da associação), pensionistas (recebendo apenas o ensino e pagando 1$000 réis mensaes), voluntarios (recebendo ensino mediante a matricula annual de 7$000 réis) estes em numero limitado a 60. O ensino da escola comprehenderá: instrucção primaria especial e exercicios theoricos-praticos de carpinteria civil e naval, marceneria, fabrico de carroagens, etc. Para ser admittido na classe de ordinario será preciso provar authenticamente a orphandade de pae ou de mãe ou dos dois progenitores, e a extrema pobreza. Estes alumnos trabalham por conta do estabelecimento e recebem uma percentagem sobre o producto dos artigos vendidos, percentagem que entrará n'uma caixa economica e que, com os respectivos juros, será entregue ao alumno no fim do anno, caso tenha mantido sempre o seu bom comportamento e applicação durante os quatro annos que compõem aquelle curso.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Os Antros de Paris por Xavier de Montépin, traducção de Cunha e Sá, David Corazzi, editor, Lisboa, 1888. O quinto e ultimo volume d'este romance, cujo enredo bastante desenvolvido, deve interessar extraordinariamente o leitor.

A Galera Chancellor, por Julio Verne, traducção de Marianno Cyrillo de Carvalho, David Corazzi, editor, Lisboa. É o ultimo livro publicado da grande edição popular das viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos. Edição economica que tem tido a maior procura do publico, e a respeito da qual é desnecessario qualquer encarecimento, pois é sobejamente conhecido o valor das obras de Julio Verne.

O Instituto *revista scientifica e litteraria*. Vol. XXXV, maio de 1888, segunda serie n.º 11. Coimbra, imprensa da Universidade. Summario: O feudalismo, por Joaquim Maria Rodrigues de Brito; Direito civil, — Se a instituição de herdeiro terceiro caduca por superviniencia de filhos legitimos do testador, por Domingos Manuel Pereira de Carvalho Abreu; A religião Christã e a Philosophia, por G. A.; Luiz Albano, por F. P.; Luiz Albano (esboço biographico), por A. M. Seabra d'Albuquerque; Barometro, pelo dr. Luiz Albano d'Andrade Moraes e Almeida; dr. Georges Winter, por J. H.; Projectos do relatorio e plano de reforma da faculdade de medicina; Notas malacologicas, por Augusto Nobre; A Leitura da epopeia (poesia) por Joaquim d'Araujo; Musa ignota (poesia) por Velho Arcade; A misericordia de Coimbra (traços historicos) pelo dr. Luiz Albano d'Andrade Moraes e Almeida; A Sé Velha de Coimbra, por A. M. Seabra d'Albuquerque; Relação dos voluntarios do batalhão academico de Coimbra, que serviu ás ordens das juntas revolucionarias nos annos de 1846 e 1847 e destino que tiveram, pelo dr. Antonio dos Santos Pereira Jardim.

Typ. Castro Irmão — Rua do Marechal Saldanha 31 — Lisboa